

APEDIDO

17.10.59

1232

## A CRÔNICA DE RUBEM BRAGA FOSFATO

A gente ouve muito contar as tristezas do Nordeste, e não faz mal dar notícia de alguma coisa positiva que lá se faz. Acabo de ler uma conferência feita por Antiógenes Chaves na Escola de Engenharia de Pernambuco em que êle dá conta da luta e dos progressos da empresa que explora o fosfato de Olinda. A luta foi grande, porque logo que se descobriram as jazidas começou o trabalho dos interesses contrariados. Grupos estrangeiros que sempre forneceram fosfatos ao Brasil tudo fizeram para controlar as jazidas, mandando técnicos e diretores ao Recife. Ora propunham sociedades leoninas, ora espalhavam boatos para desmoralizar o empreendimento, dizendo que o fosfato não era explorável economicamente por haver infiltração de água do mar. Criou-se, assim, um ambiente de descrença; a empresa nacional seria uma aventura capaz de comprometer o nome e o patrimônio de quem nela se metesse. Quando, apesar de tudo, teve incio a exploração, os mesmos concorrentes lançaram mão do **dumping**, levando momentaneamente os preços muito abaixo das tabelas que vigoravam há anos.

A fosforita ganhou a parada porque seus diretores não são apenas homens de dinheiro como de relações, de prestígio e de capacidade de luta, como o próprio Antiógenes, industrial e advogado de nome nacional.

Hoje, em franca expansão, ela permite ao Brasil uma boa economia de divisas e também um incremento da adubação de suas terras ácidas. Basta dizer que em 1953 o pôrto do Recife recebeu 11.229 toneladas de fosfato natural beneficiado; em 1958 a "Fosfato de Olinda" vendeu ali na praça para consumo regional, quase 40 mil toneladas.

Antiógenes assinala com ironia que à atuação dos grupos estrangeiros não faltou "a convivência de alguns cristãos da terra, havidos como de boa cêpa pernambucana". E' sempre assim...

Transcrito de "O Globo" — 17-10-59.